Revista Illustrada de Portugal e do Extrangeiro

Preços da assignatura	Anno 36 n.os	Semest. 18 n.os	Trim. 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, m. forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)...	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrang. (união geral dos correios)	5$000	2$500	—$—	—$—

12.º ANNO — VOLUME XII — N.º 393

21 DE NOVEMBRO DE 1889

REDACÇÃO—ATELIER DE GRAVURA—ADMINISTRAÇÃO

Lisboa L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do Occidente, sem o que não serão attendidos.

CHRONICA OCCIDENTAL

Foram extraordinariamente ferteis em acontecimentos estes ultimos dez dias!

Raras vezes o noticiario lisboeta se vê em tão curto espaço de tempo a braços com uma aluvião de factos importantissimos, de casos de notoridade como a que se deu desde a nossa ultima chronicha: —o nascimento d'um principe, a queda d'um Imperio, o suicidio d'um pobre rapaz de 17 annos, que pelo nome illustre de seu pae e pelas sympathias geraes que esse nome tem, fez enorme sensação em todo o paiz, um incendio terrivel no coração da cidade, que já pelas suas consequencias como tambem pelas suas causas, sobresaltou toda a capital, a morte d'um escriptor notabillissimo, d'um dos mais primorosos cinzeladores da lingua portugueza, e o fallecimento d'uma das senhoras mais formosas da nossa sociedade, apparentada ultimamente com uma das familias mais illustres de Lisboa.

Como veem, são tantos esses factos que a nossa chronica não se póde demorar em frente de nenhum d'elles, e que os estreitos limites d'esta secção pouco mais nos permitte do que enumeral-os successivamente, sem os commentarios e reflexões que muitos d'elles exigiriam.

E note-se que todos estes factos que fazem d'esta semana uma semana excepcional na nossa vida serena e pacata não se deram durante a semana toda, accumularam-se em quatro dias apenas, nos dias 15, 16, 17, 18, em quatro dias a seguir.

No dia 15 pela manhã, Lisboa foi accordada por uma salva festiva de 21 tiros.

Logo se percebeu o que essa salva queria dizer.

Ha semanas já que a todo o momento se esperava que S. M. a Rainha D. Amelia tivesse o seu bom successo, e a demora que já se ia dando n'esse acontecimento, fizera mesmo correr dias antes, insistentemente, pela cidade, boatos sinistros que tomaram tal vulto que chegaram a ser desmentidos pelos jornaes.

Finalmente no dia 15 a Rainha dava á luz ás 5 horas e meia da manhã, n'um parto felicissimo, cujos trabalhos demoraram apenas duas horas e sem o menor accidente, um robusto menino.

Esta phrase feita de *robusto menino* que o *clichet* do noticiario tem sempre prompta para as locaes do *Deu á luz*, deixa de ser uma banalidade da rhetorica jornalistica ante o novo filho dos reis de Portugal que é um perfeito rapagão segundo dizem todos que o viram.

O parto de Sua Magetade foi felicisimo e a Rainha e o recemnascido passam de perfeita saude.

Horas depois de nascido o novo principe foi baptisado no Paço de Belem pelo sr. Cardeal Patriarcha de Lisboa, recebendo o nome de Manuel.

Levou o neophyto á fonte baptismal sua augusta Avó a Rainha D. Maria Pia, sua madrinha, e serviu-lhe de padrinho, seu tio, o sr. Infante D. Affonso, com procuração do sr. conde de Paris, que virá pessoalmente a Lisboa assistir ao baptismo publico que com toda a solemnidade do estylo se deve realisar passado um mez.

O infante D. Manuel recebeu o titulo de Duque de Beja, porquanto o titulo de duque do Porto, que pertence aos segundos filhos dos reis de Portugal, é de seu tio o infante D. Affonso.

Para solemnisar o nascimento do infante D. Manuel houve tres dias de gala e de illuminações publicas e realisou-se no sabbado em S. Domingos, um Te-Deum a que assistiu El-Rei D. Carlos, e toda a côrte.

Este Te-Duem realisou-se em S. Domingos e não em S. Vicente, como é costume, porque o templo de S. Vicente conservava-se ainda com a mesma riquissima ornamentação que teve por occasião dos funeraes de El-Rei D. Luiz, para servir nas exequias solemnes que por alma do chorado monarcha se realisaram d'ali a tres dias, no dia 19, em que fazia um mez que falleceu o soberano.

N'esse mesmo dia 15 deu-se ao cahir da tarde a medonha explosão de gaz que incendiou um dos

VISCONDE DE SANTA MONICA — Fallecido em 5 do corrente

(Segundo phototypia de Biel)

maiores predios do Chiado e que aterrou toda a cidade.

Nós não ouvimos o ruido da explosão, apesar d'esse ruido ser tão grande que se ouviu em toda a cidade baixa e immediações fazendo estremecer as casas e fazendo julgar no primeiro momento, que se tratava d'um violento tremor de terra.

A nossa casa fica muito longe do Chiado e por isso não chegou até ella o echo d'essa formidavel explosão, e o que nos denunciou o enorme fogo que apavorava Lisboa, foram os sinos da Igreja de Santos tocando a rebate.

A nova organisação dos serviços dos fogos acabou com os signaes d'incendio dados pelas torres das igrejas, medida que nos parece muito prejudicial, porque se os toques d'incendio são completamente inuteis para chamar os soccorros em vista das communicações telegraphicas e telephonicas existentes actualmente entre todas as estações d'esse serviço dos soccorros, serviam todavia para noticiar á população que havia fogo e o ponto da cidade em que esse fogo era, e a utilidade d'essa indicação ninguem póde contestar.

Em todo o caso não é aqui o lugar de discutir as vantagens ou desvantagens d'essa medida, e o que é certo é que as torres d'incendio que d'antes fallavam ao mais pequeno fogo na fulugem d'uma chaminé, só tem hoje a palavra quando se trata d'algum grande e pavoroso incendio.

Os sinos de Santos tocando a rebate noticiaram-nos portanto que havia em Lisboa um d'esses extraordinarios incendios. Corremos á janella apesar da nossa casa ficar distante do Chiado, no principio da rua das Trinas, viam-se as labaredas enormes que illuminavam todo o céu, como se o incendio fosse a dois passos.

Sahimos immediatamente a ver onde era e quando chegámos ao Chiado onde se agglomerava uma multidão enorme, o espectaculo que se offereceu aos nossos olhos era grandioso e terrivel.

Um dos melhores predios do Chiado, o predio do Marquez de Niza, ha annos propriedade do nosso presado amigo o sr. D. Franisco d'Almeida, estava transformado n'uma enorme fogueira que ameaçava devorar tambem os predios visinhos. Era medonhamente bello o aspecto d'esse terrivel incendio que reproduzimos adiante em gravura.

O fogo começara por uma estrondosa explosão de gaz, no grande bazar Suisso estabelecido nas lojas d'esse predio.

O bazar Suisso era uma das lojas de espelhos, molduras e bijouterias mais elegantes e mais ricas de Lisboa. Pertencia aos irmãos Barellas, dois irmãos suissos muito sympathicos, muito trabalhadores, muito emprehendedores, que ha muitos annos vivem em Lisboa e que principiando o seu commercio n'uma pequena e modestissima lojinha na rua Nova do Almada, por baixo da Boa Hora, chegaram á força de trabalho e de perseverança a ter a luxuosa loja do Chiado, uma loja que faria boa figura ao pé das mais elegantes e bem fornecidos de qualquer grande cidade da Europa.

Os srs. Barellas tinham dias antes mudada o gaz da companhia antiga pelo gaz da companhia nova e parece que desde então havia ás vezes, mesmo de dia, muito cheiro a gaz na loja.

N'este dia esse cheiro augmentou consideravelmente e quando ao lusco fusco o sr. Albino Barella mandou um dos seus caixeiros accender os candelabros d'uma das *montres*, era tão grande o cheiro a gaz que o caixeiro lá encontrou, que teve medo de uma explosão e não accendeu os bicos de gaz.

O sr. Barella achou exaggerado aquelle receio, tirou-lhe da mão a luz com a qual ía accender os candelabros e accendeu os elle.

D'ali a segundos ouvia-se um estampido colossal, como o d'uma peça d'artelheria de grande calibre e ía a loja pelos ares, elevando até a grande altura uma enorme lingua de fogo que lambeu todo o predio incendiando-o immediatamente.

Durante algum tempo o fogo apresentou um aspecto aterrador, zombando de todos os esforços com que tentavam combatel-o e ameaçando devorar todo o quarteirão. Felizmente, porém, graças ás energicas dos soccorros, conseguiu-se dominal-o e circunscrevel-o ao predio onde começara e que ficou completamente redusido a ruinas.

Ainda assim os prejuisos materiaes são enormes. O predio era um dos maiores e mais ricos do Chiado, uma propriedade magnifica, um verdadeiro palacio com magnificos estuques e riquissimos tectos cheios de frescos preciosos.

No 1.º andar d'esse predio, onde morou muitos annos o marquez de Niza, onde depois esteve o Hotel Matta, estava agora installado e com um luxo e uma riqueza notaveis o *Turf-Club*, o club mais elegante e aristocratico de Lisboa

As perdas soffridas por esse Club são importantissimas.

A loja do sr. Barella tinha tambem dezenas de contos de réis em objectos riquissimos, que todos elles ficaram completamente perdidos nos escombros.

Ao principio fallou-se n'um grande numero de victimas do incendio e dizia-se que havia muitos mortos.

Felizmente esses boatos eram simples invenção do terror.

N'esse pavoroso incendio, um dos maiores que tem havido em Lisboa, não houve nenhuma morte; mas houve muitas pessoas feridas, algumas de gravidade, como o sr. Albino Barella e um bombeiro, mas que já se acham em via de restabelecimento.

No dia immediato de manhã correu em Lisboa a noticia de que tinha morrido no hospital o filho do illustre e querido escriptor Julio Cesar Machado.

Desgraçadamente era verdadeira a noticia e no sabbado mais de mil pessoas acompanharam ao cemiterio do Alto de S. João o cadaver d'essa pobre e allucinada creança, que apenas ao entrar na vida quiz logo sahir d'ella, pela desgraçada porta do suicidio.

É realmente triste, profundamente desconsolador assistir ao suicidio d'um rapaz de 17 annos; ver esse desejo feroz, implacavel para com todos que o estremecem, d'ir descançar para a cova quasi que no dia immediato ao sahir do berço!

Esse infeliz e desvairado moço era o encanto, era o idolo, era o Deus de seus estremecidos paes, que não viam no mundo outra coisa, que punham n'elle todo o seu coração, todo o seu amor, todo o seu carinho, todo o seu orgulho!

Comprehende-se bem o martyrio enorme que tortura o coração amantissimo d'esses amantissimos paes!

Antes do terrivel desenlace d'essa tragedia procurámos no hospital Julio Cesar Machado, a quem nos ligam ha muitos annos os laços da mais sincera e profunda amisade, procuramol-o no dia da morte de seu filho horas depois d'elle expirar, procuramol-o no dia do enterro e por um acaso que não maldizemos, de nenhuma d'essas vezes lhe pudemos fallar.

E não maldizemos esse acaso porque se tinhamos muita vontade de abraçar o nosso presado amigo n'aquelle transe dolorosissimo, tinhamos tambem muito medo de nos encontrarmos ante aquella colossal dôr para que a consolação e a resignação humana não póde achar palavra alguma, de nos encontrarmos ante aquelle desolado pae, que se via de repente heroe da mais sinistra e lugubre tragedia que pode dilacerar a alma d'um homem.

Julio Cesar Machado amava, adorava seu filho com todos os extremos do seu coração delicadissimo, da sua amantassima alma; para a sua brutal dôr não ha consolação alguma; se a pudesse haver tel-a-hia de certo n'essa excepcional manifestação de estima, de sympathia e de condolencia com que todo o paiz se associou ao seu cruel luto.

N'esse mesmo dia do enterro do filho querido de Julio Machado, enterro que foi um verdadeiro acontecimento em Lisboa, appareceu em alguns jornaes da capital uma noticia de duas linhas apenas, mas noticia tão grave, tão extraordinaria que ninguem acreditou n'ella:—a noticia de ter sido deposto o Imperador do Brazil e proclamada a Republica, pacificamente sem tumultos nem desordens.

A noticia era tão surprehendente que o ministro do Brasil, em Paris, ao vel-a imaginou que se tratava apenas d'um truc da bolsa!

E no fim de contas a noticia era nimiamente verdadeira.

No dia 15 o partido republicano brazileiro, que era enorme e que n'estes ultimos tempos se tinha desenvolvido immenso e andado rapidamente muito caminho, sahiu para a rua appoiado pelo exercito e pela marinha e proclamou a Republica.

O governo imperial tentou oppôr alguma resistencia, havendo então um pequeno tumulto entre os republicanos e as forças que se tinham conservado fieis ao governo, sendo ferido gravemente o ministro da marinha.

Em seguida os republicanos prenderam o ministerio, intimaram a deposição ao Imperador, e proclamaram a Republica, nomeando um governo provisorio presidido pelo marechal Deodoro da Fonseca.

Tudo isto foi feito pacificamente sem se disparar um tiro. A população do Rio de Janeiro festejou o advento da Republica e quasi todas as provincias do Brazil tem dado já a sua adhesão ao novo governo, que declarou respeitar religiosamente todos os compromissos, obrigações e contractos do estado e manter a dotação ao Imperador deposto a quem acompanhou com todas as attenções até bordo do paquete *Alagôas* em que no dia 17 seguiu para a Europa.

Por emquanto faltam promenores minuciosos ácêrca d'essa subita mutação á vista feita na politica brazileira; as noticias vem chegando pouco a pouco pelo telegrapho, e só quando os paquetes trouxerem os jornaes de 16 e de 17 é que se saberá toda a historia d'esta revolução pacifica que d'um momento para o outro mudou toda a politica brazileira.

Entretanto se a transformação por que acaba de passar o Brazil surprehendeu pela sua rapidez a Europa, ella não era de todo inesperada por quem seguia com attenção o movimento politico do Brazil n'estes ultimos tempos, e se ninguem esperava de facto que essa transformação se operasse agora, em vida do Imperador, havia muito quem a julgasse inevitavel no dia em que o Imperador fallecesse.

O governo provisorio da Republica dos Estados do Brazil é composto pelos srs. Deodoro da Fonseca, presidente sem pasta, Arestides Lobo, ministro do interior, Quintino Bocayuva, jornalista e redactor do acreditado jornal o *Paiz*, ministro dos estrangeiros, Benjamin Constant, guerra, Ruy Barbosa, fazenda, Salles, justiça, Demetrio Ribeiro, agricultura, contra-almirante Wanderkor, marinha.

Dadas as nossas relações com o Brazil é facil de comprehender a enorme sensação que a noticia d'esta transformação politica produziu em todo o paiz, transformação que é muito diversamente commentada nos jornaes e nas conversações particulares.

E como se não bastassem todas estas noticias para encher a nossa chronica temos que terminal-a com duas noticias lugubres, a da morte da ex.^{ma} sr.ª D. Virginia Cardoso Serpa Pimentel e da morte do sr. visconde de Benalcanfôr.

A sr.ª D. Virginia Cardoso era uma das mais formosas senhoras da nossa sociedade, muito nova ainda e casada ha poucos annos com o sr. Manuel de Serpa, filho do sr. Antonio de Serpa Pimentel, o illustre chefe do partido regenerador: o sr. visconde de Benalcanfôr, era como todos sabem, e especialmente os leitores do Occidente que elle muitas vezes honrou com a sua brilhante collaboração, um dos mais distinctos e elegantes escriptores do nosso tempo.

O visconde de Benalcanfôr, Ricardo Guimarães, era um homem de letras distinctissimo, escriptor primoroso, notavel sobre tudo pelo colorido pittoresco e pela delicadeza graciosa do seu estylo brilhante.

Era par do reino, socio da Real Academia das Sciencias, Inspector da instrucção secundaria na 1.ª circumscripção e correspondente litterario do *Commercio do Porto*, onde publicava esplendidas revistas de Lisboa cheias de observação, de bom humor e de talento. O visconde de Benalcanfor deixa muitos livros apreciaveis, narrações de viagens interessantissimas e a sua morte é profundamente sentida porque era um escriptor de talento, de valor real, e ao mesmo tempo um esplendido caracter e um homem honradissimo, de uma delicadeza verdadeiramente fidalga e d'um espirito scintillante e inexgotavel, que fazia o encanto de quem com elle tratava.

Gervasio Lobato.

HENRIQUE O'NEILL

VISCONDE DE SANTA MONICA

Era assim que elle assignava ultimamente: o nome primeiro, depois o titulo.

Quiz este homem excellente, por ultima fineza aos seus amigos, poupar-lhes o amargor de o acompanharem na derradeira viagem. Alguns, de certo, verteriam por elle lagrimas de eterna saudade, ou, pelo menos, sentiriam apertar-se-lhe o coração n'esse doloroso trance; outros não iriam lá muito de vontade, mas pura ou, antes, impura e simplesmente movidos de falsos respeitos humanos; e outros, emfim, quem sabe?... talvez se incommodassem!

Não se fez um só convite, não appareceram annuncios nos jornaes, nem sequer uma noticia.

Assim foi que a má nova do seu fallecimento, occorrido a 5 d'este mez, só constou geralmente

no dia 7. O conselheiro Faria Azevedo, dignissimo procurador regio junto da relação de Lisboa, tinha ido na vespera participar o triste successo á secretaria da justiça, que fechou no mesmo dia em demonstração de sentimento.

Outra disposição sua foi ser sepultado em caixão de madeira, pois dissera elle uma vez (por occasião do enterramento de José Julio de Oliveira Pinto, morto em duello no anno de 1867):— «Para mim não quero jazigo. Não desejo ser engarrafado depois de morto! Quero volver á terra d'onde vim.»

Conheci Henrique O'Neill pela primeira vez no estio de 1863, andando eu a pretender um logar de segundo official, posto a concurso n'aquella secretaria. Tinha ouvido muitas vezes citar o seu nome em Coimbra, onde viveu quatorze annos, como cavaqueador insigne e sujeito de bons motes, e lêra com muito agrado uns versos d'elle, publicados no *Instituto*, com o titulo de *Saudade*. Nas poucas palavras que d'essa primeira vez trocámos reconheci que elle era um *gentleman*, quer dizer, um perfeito cavalheiro. Homem de alta escola social: bellas maneiras, muito boas palavras, sorriso constante nos labios, mettendo a todos no coração.

Amigo particular de Castilho, que lhe chamou em certa occasião, por brincadeira, *um fresco amigo*, e de Herculano, que nas suas cartas para elle se dizia *son vieux*—ambos esses grandes luminares da litteratura portugueza do nosso tempo o prezavam verdadeiramente pelo seu talento brilhante, pela sua natural sagacidade, e pela grande e variada illustração que possuia.

Henrique O'Neill estava na Allemanha, em Goettingue, onde ensinava o nosso idioma, quando recebeu uma carta do ministro da justiça, que então era o sr. Martens Ferrão, em que o convidava para vir occupar um logar de chefe de uma das repartições da respectiva secretaria. O novo ministro, seu intimo amigo, acabava de receber aquella suprema honra, fazendo parte de um gabinete, a que presidia, sem pasta, o duque da Terceira, tendo por collegas Fontes na secretaria do reino, e os srs. Casal Ribeiro na fazenda, e Serpa nas obras publicas, um ministerio de rapazes, como diziam n'esse tempo os *cabelleiras*, por estes termos: «Sua magestade (era D. Pedro V) é rapaz e quiz formar um ministerio de rapazes. E' isso que para ahi está agora! Veremos como el-rei se sae da experiencia.» A rotina protestava, e a verdade é que o ministerio durou pouco.

Entretanto O'Neill regressou á patria e tomava posse do logar que lhe fôra offerecido e que sempre exerceu com inexcedivel zelo.

Henrique O'Neill era natural de Lisboa e descendente de uma familia nobre da Irlanda, e d'esta circumstancia deixou memoria na sua bella versão do *Lamh Dearg Aboo*, grito de guerra dos O'Neills.

> Nobre raça de O'Neill, já não se escuta
> Erguer-se em teu louvor um canto altivo!
> Nas agras serras que lhe foram berço
> Sumiu-se acaso do teu nome a gloria?

E com razão podia ufanar-se de haver nobilitado essas tradições de familia, sempre gratas, já por seus raros predicados, já pelos altos cargos que desempenhou perfeitamente. Foi por muito tempo chefe da segunda repartição da direcção central (estatistica) da secretaria da justiça, conselheiro director geral dos negocios da justiça, preceptor de suas altezas reaes o principe D. Carlos e o infante D. Affonso, veador de sua magestade a rainha, socio do Instituto de Coimbra, e da Academia Real das Sciencias de Lisboa. Tambem fôra agraciado com gran-cruzes e commendas—não sei se no plural ou no singular—nem vale a pena averiguar isso, porque n'elle o merito verdadeiro offuscava essas vãs distincções, de que elle era o primeiro a rir a escancaras!

Estava quasi terminada a educação litteraria de suas altezas, quando o seu desvellado preceptor foi subitamente atacado de uma grande dôr n'uma perna, que lhe tolhia todo o movimento. Forçado a recolher-se á cama, a sua veia jovial e sarcastica soube tirar partido d'essa triste situação, compondo o espirituoso soneto intitulado—*A' minha perna*.

> Perna minha gentil nunca te viste
> Tanto tempo estendida em cama quente;
> Não te vás amuar eternamente
> Nem fique eu n'um só pé, cegonha triste.
>
> Desceste escadas tantas e as subiste
> A dois e dois degraus, perna valente;
> E agora ha trinta dias 'stás doente,
> Diabo-coxo a ser me reduziste!
>
> Vê lá, cruel, se pode merecer-te
> Alguma cousa a desgraçada irmã
> Co'o peso todo d'este corpo inerte.
>
> Não digo que a sciencia seja vã:
> Mas possa, perna minha, eu sempre ver-te
> Fugir-lhe, se algum dia ficas sã.

N'essa occasião o visconde de Santa Monica esteve seis mezes de cama, e não poude dar mais um passo sem coxear. Quando já se levantava, mas ainda não sahia de casa, viu n'um *après-midi* entrar no gabinete de estudo da sua casa na rua da Infancia o principe D. Carlos, que vinha tambem da parte de sua augusta mãe, a qual ficára na carruagem, ver o pobre enfermo, que, sem mais demora, desceu á rua, commovido em alto grau, para beijar a mão da excelsa princeza, que tão bem mostrava comprehender a consideração e a estima devidas ao mestre de seus filhos. Posso affirmar a verdade d'este facto porque elle assim m'o contou.

Desde então não poude continuar vigiando e auxiliando a educação dos principes. Dispensado de todo o serviço no paço, foi, passados annos, nomeado ajudante do procurador geral da corôa e fazenda.

Nas horas feriadas dos seus deveres officiaes, que sempre cumpriu com toda a distincção, o visconde de Santa Monica tornou a ser o O'Neill de Coimbra, o poeta lyrico da geração do *Trovador*, o confrade, admirador e amigo de João de Lemos. Imprimiu successivamente as *Fabulas de Lessing*, cuja segunda edição foi adquirida pela excellente livraria Ferreira, da rua do Ouro, o *Fabulario*, o *In Memoriam*, a *Feira da Ladra*, e a *Turra de Dois Caturras*. A segunda edição do *In Memoriam* não contém as 32 fabulas que se encontravam na primeira—as quaes passaram todas com razão para o *Fabulario*. Em lugar d'ellas inseriu a *Feira da Ladra* e outras poesias, algumas até então ineditas, augmentando por esta fórma o valor d'esse bom livro, que é, na minha humilde opinião, a melhor das suas obras. De quasi todas fez diversas edições, que, á excepção das *Fabulas de Lessing*, nunca poz á venda. Dava livros aos seus amigos, e a quem lh'os pedia, por uma razão muito simples—desejava ser lido. Assim mostrou comprehender perfeitamente bem o seu tempo e a terra em que vivia. Na verdade, em Portugal é bastante difficil ser-se escriptor de outro modo. Arrisca-se, pelo menos, uma pessoa (e ás vezes uma boa pessoa!...) a ser apenas—*mui conocido en su casa*—como diz com muito chiste a travessa *nina* da zarzuella *El diabo Nel Poder*.

A collecção das suas poesias varias, a que poz o titulo de *In Memoriam*, isto é, *para lembrança* é, como acima dissemos, o mais amadurecido fructo da sua grande e incontestavel inspiração. Ali, tanto nas suas composições originaes, como nas versões, se vê claramente que elle compunha com a mesma pericição e facilidade o verso grave e o satyrico.

Demos alguns excerptos:

> Ó terra, ó minha mãe, quando me abrires
> Teu seio carinhoso, eu não desejo
> Custosa campa, derradeiro engano
> Com que busca illudir-se a paixão cega
> Ou a louca vaidade: elle me basta.
> Na verde encosta de um risonho outeiro
> Ao nascente voltado abram-me a cova.
> Ali venham cantar alegres aves,
> Ao romper da manhã, sobre as boninas
> Com as perolas do orvalho rosciadas:
> E ao pôr do sol, quando entre nuvens de oiro
> Parece adormecer, ali se encontrem
> Namorados ditosos, ali corram
> Um ao outro a jurar amor constante...
> Amor, que ha de talvez fugir primeiro
> Que o sol torne a nascer... Nada lhes diga
> Que debaixo do chão que ledos calcam
> Meus ossos jazem, e que os seus um dia
> Hão de inertes jazer, talvez calcados
> Por quem de ardente amor louco suspire,

Agora outro genero. São da *Feira da Ladra* estes versos magnificos:

> Mais longe está o batalhão cerrado
> De quanto já calçou pés delicados
> Desformes patas, um museu completo!
> O sapatinho de setim, mimoso
> Quando dançou no palco, andou nos bailes,
> Gentil tyranno de doridos calos;
> A bota fina do creado herança
> Que a final, a vendeu ao ferro velho;
> E a de bezerro que lidou valente
> A batalha da vida, apresentando
> No velho rosto honrosas cicatrizes
> Pelo vulgo mordaz chamadas tombas,
> Ou transformada em torto e vil chinello.
>
> Reliquias santas de ineffaveis jubilos,
> De fundas magoas, quem vos preza agora!
> A symbolica flôr que a neve pura
> Das pétalas juntou á ingenua fronte,
> Rubra de pejo em venturoso dia,
> Ali jaz negra de vil pó e lodo,
> Qual a virgem, que a trouxe na capella,
> Na cova ha muito está dos vermes pasto.
> Oh quantos mimos, que adorados foram
> Qu'ridos signaes ao coração lembrando
> O esposo o filho, ou do chorado amigo,
>
> Já moribundo, o derradeiro abraço,
> Pés indiff'rentes com desprezo calcam!
> Tudo era pó e em pó se tornou tudo.

Fechemos com este conceito: *Tudo era pó e em pó se tornou tudo.* A sonorosa lyra emmudeceu. Despedaçou-a a morte como um raio!

In pulverem reverteris.

Alberto Telles.

AS NOSSAS GRAVURAS

UNIVERSIDADE DE COIMBRA—PAÇOS DAS ESCOLAS

Já por mais vezes nos temos referido á Universidade de Coimbra, publicando gravuras de diversas dependencias do seu famoso edificio, historiando a sua fundação.

Hoje publicamos os Paços das Escholas, a parte mais principal do edificio, em que se acha a sala dos capellos em que se celebram os actos mais solemnes da universidade.

Os Paços das Escholas estão situados em um terreiro ajardinado para o qual se entra pela *porta ferrea*, entrada magestosa e que é a principal da universidade.

Sobe-se para os Paços por uma escadaria ao cimo da qual corre a *via latina*. E' uma galeria onde os estudantes passeiam antes de entrar para as aulas.

Ao lado dos Paços ergue-se a torre mandada fazer por D. João V, que se avista de todos os pontos da cidade, sobranceira ao edificio.

A Universidade de Coimbra é um dos edificios mais vastos e mais ricamente estabelecidos dedicados ao ensino que se encontram na Europa.

Desde D. Diniz, o fundador da universidade em Lisboa, até ao presente tem este estabelecimento sido sempre augmentado com novas dependencias e alargamento de estudos, que o tem elevado a ser uma universidade de primeira ordem.

CARRO ELECTRICO DE HERVEY

Os estudos sobre a applicação da electricidade progride em cada dia nos Estados Unidos, e as innovações succedem-se umas ás outras com notavel rapidez.

Ultimamente o sr. Hervey D. Dibble, de Rapid Cety, inventeu um carro para ser movido pela electricidade e applicado a vias ordinarias.

O carro, de fórma vulgar tem na dianteira, em vez da lança ou dos varaes, uma roda que communica por meio de fortes tirantes com uma manivella ou freio governado pelo conductor, e com uma outra roda callocada na parte superior interior do carro; esta roda está em contacto, por meio de uma barra d'aço, com os conductores electricos que correm sobre uns arames parallelos ao caminho e á altura de tres metros, suspensos em polés dentadas, seguras em postes de madeira fincadas no solo a intervallos, como os postes ordinarios do telegrapho.

Posto em movimento o carro pela força electrica dos conductores, este caminha rapidamente guiado pelo conductor que maneja o freio a que nos referimos, sendo sufficiente meia volta da manivella para desviar a corrente electrica e parar o carro. Este mesmo systema de freio permitte ao carro o desviar-se do caminho para deixar passar outros que encontre na sua frente, não impedindo o transito publico.

Este engenhoso invento, não offerece entanto, demasiadas vantagens praticas porque a sua installação é talvez dispendiosa.

Apesar d'isso o seu inventor tirou privilegio por vinte annos no seu paiz.

D. LUIZ I

VI

Foi em 1868, com o chamado motim da janeirinha que principiou o periodo mais difficil do seu reinado. A fusão progressista-regeneradora foi, emquanto a nós, um erro politico para um e para outro partido. Na camara a opposição estava representada por um pequenissimo numero de deputados, e os descontentes, portanto, não tendo partido sériamente organisado a que se encostassem, e cujo advento ao poder fosse provavel, lançavam-se no caminho do motim e da agitação. Ainda havia em Portugal bastante gente que ti-

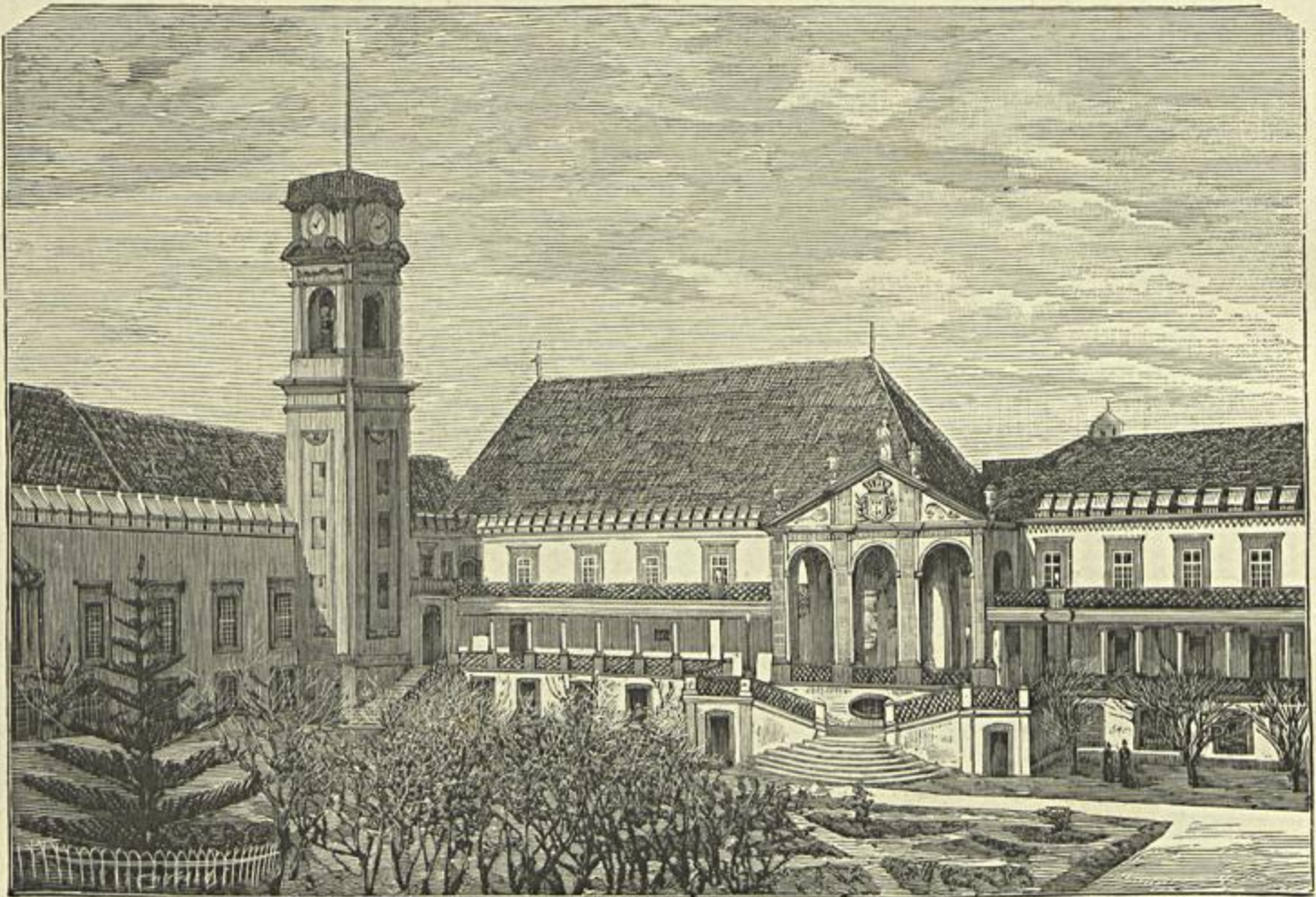
nha a nostalgia da bernarda que era o termo classico applicado ás insurreições de agua morna que se faziam nas ruas da cidade; foi assim que uma agitação de pouco valor no Porto e em Lisboa bastou para fazer caír o ministerio, e, o que foi peior, para fazer caír as leis sensatas que elle promulgára e que iam assentar em bases solidas a nossa organisação administrativa e a nossa situação financeira.

Fazer uma revolta para derrubar um governo, porque elle vae lançar os impostos indispensaveis para o pagamento dos compromissos financeiros do paiz, era espantar o credito. Foi o que succedeu.

O ministerio presidido pelo conde de Avila viu-se a braços com essas difficuldades. Quiz, já que não podia recorrer ao imposto de consumo, recorrer á desamortisação em larga escala dos bens do clero, levantou logo descontentamentos no paiz, que déram com o ministerio em terra ao fim de seis mezes. Como acontece com os doentes que não tendo já fé nos medicos, chamam um ermitão que passa por conhecer os segredos das do paiz. Tornava-se indispensavel discriminar portanto o que havia de real e de ficticio n'essas maiorias. El-rei D. Luiz soube sempre seguir com acerto as vagas indicações de opinião, de forma que cortou a repetição d'aquelles deploraveis motins que derrubaram o ministerio da fusão.

O que não pôde evitar porém foi a revolução militar do general Saldanha, que derrubou o ministerio Loulé. Já este ministerio se podia considerar perdido, porque encontrava as mesmas difficuldades financeiras, que tinham assoberbado os seus antecessores. Comtudo ia caminhando quando teve o infortunio de descontentar e de desconsiderar o marechal Saldanha. O velho general tirou facilmente a desforra. Bastou-lhe um punhado de homens que o quizeram seguir, para mudar de um instante para o outro o governo do paiz. Muita vez se accusou D. Luiz de pusillanimidade; nunca houve porém accusação mais injusta. El-Rei viu-se completamente isolado no Paço. Os ministros andavam fugidos. As tropas insurgentes rodeiavam a Ajuda. A propria guarda do palacio estava de nha de que saío mal-ferido o credito portuguez, e que atrazou por um bom par de annos o nosso progresso.

N'esse periodo agitado, mostrou D. Luiz a mais sincera vontade de acertar, de attender ás serias indicações da opinião, de escolher os ministros que podessem realmente arrancar o paiz do vespeiro em que se mettera. N'essas occasiões os reis constitucionaes gostam muitas vezes de dar a sua opinião, e de fazer pender a balança para o lado dos seus favoritos. D. Luiz não os tinha. Dizia-se que a rudeza do bispo de Vizeu o sobre-saltára e indispozera. Pois menos de dois annos depois de ter saído do governo, entrou de novo o bispo de Vizeu no ministerio. El-Rei D. Luiz não tinha incompatibilidade nem politicas nem pessoaes com pessoa alguma. Bem se vio uns annos depois.

Foi no tempo a que acabamos de nos referir que se deram tambem os acontecimentos da Hespanha que tão agitada trouxeram a Europa. Pode-se imaginar a repercussão que elles tiveram entre nós, e as angustias por que nos fizeram pas-

UNIVERSIDADE DE COIMBRA — Paços das Escolas
Segundo photographia de Santos)

hervas e dos simplices, chamou-se o bispo de Vizeu que ia tentar curar a fazenda publica pelo systema por que um sugeito póde remediar os desastres da sua fazenda particular. Trouxe a panacéa das economias, mas as economias ao todo poupavam seis vintens ao thesouro, e, como os banqueiros estrangeiros achavam que o doente ia cada vez peior, faziam-lhe pagar em juros exorbitantes mais do que o que elle não quizera pagar em imposto de consumo. As difficuldades financeiras fizeram caír o ministerio. Teve de se appellar outra vez para a fusão, que estava já n'essa occasião bastante dessoldada. Comtudo ainda voltou ao poder, mas com uma differença: em 1865 fôra a regeneração que entrára e os progressistas que a apoiavam, agora eram os progressistas que entravam e os regeneradores que apoiavam. Tudo isto se passára em pouco mais de um anno. Em 1868 entrou o ministerio Avila, ainda n'esse anno o substituiu o ministerio do bispo de Vizeu, no anno seguinte vinha o ministerio do duque de Loulé.

Como é que o rei podia facilmente dirigir-se no meio d'este labyrintho? Cada ministerio lhe apresentava sempre uma formidavel maioria e não havia ministerio comtudo que tivesse o apoio accordo com os revoltosos. O que podia El-Rei fazer? Pôr-se á testa dos seus archeiros para resistir ao marechal?

Este ministerio foi ephemero tambem, como não podia deixar de ser, attendendo-se as suas origens, e á sua discordancia absoluta com todos os partidos organisados. O proprio rei não podia sugeitar-se por muito tempo a conservar um ministerio que lhe fora imposto por surpreza, e por violencia. Então respondeu com o *coup d'Etat* ao *coup de main* e o ministerio de 27 de agosto de 1870, organisado com elementos de diversos partidos, fez com que voltasse um pouco ás normas regulares a politica do paiz.

E dizemos «um pouco», porque a fusão desorganisára tudo. A ligação dos dois partidos tornou necessaria a creação de um terceiro partido—o reformista. Os resquicios do ministerio dos cem dias tambem haviam de formar um grupo mais ou menos seriamente organisado, que havia de descrever a sua orbita no céu politico. Estava para o outro lado o pequeno grupo accomodaticio do conde de Avila, já então marquez. Emquanto não voltou ao governo do Esfado o partido regenerador, capitaneado d'esta vez francamente por Fontes Pereira de Mello, houve uma confusão medosar. A Hespanha, sem rei, sem governo estabelecido, desejava aproveitar o ensejo para conquista a tão appetecida unidade peninsular, que fazia desapparecer da lista dos povos independentes o povo portuguez. D. Luiz soube que lhe bastaria estender a mão para ser um dos reis mais importantes da Europa, porque governaria a peninsula hispanica pouco inferior á Italia em população. Não precisava de estender a mão, bastava que consentisse que lhe pozessem essa corôa na cabeça. D. Luiz regeitou-a altamente, formulou a sua recusa n'uma carta que se tornou publica. Pois sabia bem que corria o perigo, rejeitando a corôa iberica, de perder a corôa portugueza. Se a Hespanha, irritada, perdesse a paciencia e encontrasse um pretexto qualquer para fazer ao descendente do duque de Bragança D. João o que em tempo a mesma Hespanha a esse duque D. João quizera debalde fazer, D. Luiz iria ser mais um rei no exilio. Procedeu como sabemos. O que lhe rendeu isso? Accusaram-n'o annos depois de querer vender a corôa a Napoleão III e de ambicionar o diadema iberico! Foi assim que Portuguezes recompensaram o rei que deu singelamente á sua patria a maior prova de amor e de abnegação!!

Pinheiro Chagas.

CAMINHOS DE FERRO PORTUGUEZES

A LINHA DE CASCAES

(Concluido do n.º 392)

Se o leitor se quedou, como nós, em Caxias, a passeiar na bonita quinta real que é a unica coisa notavel que a localidade tem, a respirar sob aquel-

A sua grande attracção é para a esquerda, a larga bacia do Tejo, a enorme bahia de entrada que vae avistando, e tão vasta e tão proxima que nos parece irmos percorrendo a bella bahia do Mediterraneo, entre as estações de Vintimille e S. Raphael.

Paço d'Arcos, Oeiras, Carcavellos, não se parecem sequer com as lindissimas estações d'inverno de Monaco, Nice, Cannes etc, mas as aguas que

suas pequenas ruas de casas brancas sobre o fundo escuro das aguas.

De novo subimos em forte rampa o aterro que nos prepára a passagem do elegante viaducto de Oeiras, sobre a ribeira da Lage, viaducto de tres tramos que representámos sob o n.º 12 na gravura do nosso n.º anterior.

Passado o viaducto, de sobre o qual se vê a estreita ribeira com a sua poetica pontesinha de

A EXPLOSAO DO BAZAR SUISSO, NA RUA GARRETT Vid. Chronica

(Aguarella de L. Freire)

las aleas ensombradas que outr'ora refrescaram os pulmões dos nossos reinantes, e hoje se acham unicamente utilisadas para passeio do administrador do palacio e empregados da casa que ali vivem, fez muito bem em apreciar aquelle bello trecho de arvoredo, porque no restante da linha não terá grande profusão de vegetação a admirar.

E' que a belleza d'esta linha não consiste nos grandes parques que outras atravessam, nas altas montanhas que sobem por entre pinheiraes e bosques.

banham quasi os rails da linha não são menos transparentes que as do Mediterraneo, e são mais animadas, porque as sulca um sem numero de barquinhos de pesca, de vapores e navios de vela que entram e sahem o nosso Tejo, e cujo movimento cresce de dia para dia.

A partir de Caxias a linha atravessa fortes desatterros, deixando a beira do rio até a estação de Paço d'Arcos.

Ahi temos nova perspectiva do rio, ficando no primeiro plano uma parte da villa a destacar as

pau e as suas estradas marginaes tortuosas e limpas, paramos na estação.

A' direita, vê-se a grande quinta do marquez de Pombal, como que servindo de tapete onde se apoiam os pés da pequena villa que se recosta sobre a montanha, coroando-se com as suas duas egrejas viradas ao poente.

A via segue dois kilometros em linha recta até Carcavellos, atravessando a opulenta quinta do sr. Paulo Jorge onde foi construida a estação.

As vinhas, separadas por muros dão a conhe-

cer que estamos n'um paiz que deve o seu renome ao liquido que produz.

Não são grandes propriedades as que guarnecem de um e outro lado toda a via ferrea, mas pequenos talhões que agricultores, ao que se vê, pouco abastados, cultivam cada um a seu modo, formando um conjuncto que tem conseguido tornar conhecido por toda a parte o nome da pequena povoação.

D'este ponto em diante temos pedreiras e pedreiras a atravessar até a estação de Parede Galliza, que serve estas duas povoações, e d'ahi ainda até a de Estoril que é uma das mais bonitas da linha, e uma das localidades mais conhecidas pelos seus banhos.

A' direita apresenta-se-nos o estabelecimento balnear com a sua cupula de vidro e a casa do sr. José Vianna em estylo medieval.

Avista-se, porém, já um outro ponto mais moderno, mas que já conseguiu supplantar aquelle, pela elegancia das suas construcções, belleza da sua situação e affluencia dos seus visitantes— o Monte Estoril.

E' uma estação de banhos nascente, mas que se prepara para seguir o desenvolvimento das suas irmãs no estrangeiro.

Luxuosos *chalets*, ruas bem traçadas, perspectiva encantadora, illuminação electrica, esplendidas equipagens, subindo e descendo a nova estrada entre o Monte e Cascaes, tudo lhe imprime o cunho d'uma villa de banhos das mais afamadas, e nos faz prever que em breves annos será aquelle ponto conhecido em todo o paiz e lá fóra, e frequentado por todos que pódem e querem passar agradavelmente os ultimos mezes do verão.

Quando vamos contemplando ainda as agulhas e telhados das novas edificações do Estoril depara-se-nos a estação de Cascaes, isto é, o fim da linha.

A villa, propriamente dita, não tem o menor attractivo.

Diz o proverbio: «Uma vez a Cascaes e nunca mais» e tem rasão, porque poucas povoações temos que tão pouco tenham melhorado com a affluencia de visitantes. Veremos se agora o caminho de ferro consegue transformar aquellas estreitas ruas, aquellas rachiticas casas, e o gosto pouco evolutivo dos seus habitantes.

E vamos vel-o, porque á testa da nova camara municipal teremos, no proximo anno, um genio inventivo e emprehendedor, um espirito moderno e benemerito, que já conseguiu transformar n'uma bem construida povoação a deserta praia da Trafaria, e que vae agora, certamente, empregar os seus sentidos para o melhoramento da velha Cascaes, dando-lhe parques, avenidas, illuminação electrica, promovendo a creação de uma ou mais emprezas de viação que nos conduzam commodamente e por um preço barato á Bocca do Inferno, a Oitavos, etc.

Porque se Cascaes, nas suas pequenas ruas, é feia, na sua posição sobranceira ao Oceano é deliciosa.

O passeio pela estrada até a Bocca da Inferno é uma das digressões mais interessantes que temos proximo de Lisboa, e este ultimo ponto, pela sua originalidade, pela imponencia d'aquella posição sobre as aguas, pela phantastica vista d'aquella furna, dentro da qual vem bramir o occeano como um leão prisioneiro, tem todo o direito a ser visitado por milhares de pessoas diariamente, como aquellas poeticas gargantas dos dois Lutchinas que são o ponto obrigado de todos os que passam na Suissa.

Para isso é apenas necessario facilitar os meios de realisar a visita, as commodidades que tanto agradam ao viajante e o fazem repetir a visita.

Que nos valha Costa Pinto, que póde e sabe.

L. de Mendonça e Costa.

GARIBALDI

(Continuado do n.° 388)

O Piemonte fez uma recepção enthusiastica a Garibaldi, porém o governo que se obrigára a cumprir fielmente as clausulas do tratado de paz impostas pela Austria, ordenou-lhe a saida do reino causando este facto verdadeira indignação entre o povo e suscitando o protesto de alguns deputados.

Garibaldi podia aproveitar estas circumstancias para fazer valer os seus direitos de cidadão italiano, mas preferiu cumprir sem discussão as ordens do governo piemontez.

A *Sociedade Nacional* quiz abrir uma subscripção afim de adquirir recursos para tornar o exilio de Garibaldi menos doloroso, e alguns piemontezes subscreveram com avultadas sommas, porém aquelle tudo recusou.

Algumas semanas ainda permaneceu Garibaldi nos estados sardos até que regressando a Nice e deixando os filhos entregues aos cuidados de sua mãe, se alistou na marinha mercante como simples capitão de navios.

Os inimigos porem, que se não cançavam de o perseguir conseguiram que os armadores o substituissem n'aquelle mister e mais uma vez Garibaldi ficou sem ter meios para se subsistir.

É então que vae para os Estados Unidos onde se fez industrial.

Leopoldo Spini conta que o encontrou em New-Yorck entregue ao mister de fabricante de vélas, entretido a molhar e a remolhar com uma cuba cheia de cebo fervente os pavios de algodão mettidos dentro de formas de canna.

Em 1852 Garibaldi seguiu para Lima a juntar-se a alguns compatriotas que ali estavam exilados como elle; sendo-lhe offerecido o commando de um navio que devia seguir para a China, por um importante armador da capital do Perú, elle aceitou esse encargo e no regresso sendo o seu fito simplesmente voltar á patria, conseguiu obter o logar de capitão de fragata n'uma companhia Genoveza.

Em 1854, já em Genova, Garibaldi publicou um manifesto de adhesão ao governo de Victor Manuel e no anno seguinte deram-lhe o commando de um pequeno vapor que fazia escala entre Nice e Marselha, logar que exerceu até 1857.

Tendo conseguido juntar algumas economias, comprou uma propriedade modesta na ilha de Caprera, costa da Sardenha, para a qual em seguida se retirou occupando-se no mister de lavrador.

Raras vezes saia da ilha, porém quando o fazia escolhia de preferencia Genova, Turim e Nice; Nice que lhe guardava os unicos entes caros que tinha no mundo: seus filhos e sua mãe.

*
* *

Tomando de novo a Austria uma attitude ameaçadora contra o Piemonte, sob o pretexto de que se estava ali organisando um exercito numeroso em pé de guerra com o fim de tentar a sua defesa futura, o governo piemontez ainda procurou harmonisar as cousas respondendo ás notas da Austria que a necessidade d'aquellas medidas nascera da urgencia de defender Piemonte da agitação que lavrava na Italia do Norte, porém nada conseguindo a guerra é novamente declarada.

Cavour mandou então pela imprensa pôr em relevo a torpesa da politica austriaca e quasi ao mesmo tempo circulou em toda a Italia um documento revolucionario datado de Turim em 1 de março de 1859, assignado por Garibaldi e La Farina, no qual se proclamava guerra de exterminio contra os austriacos e a independencia da Italia sob o sceptro de Victor Manuel.

A este chamamento correram a Piemonte muitos voluntarios a offerecer as suas vidas em defeza da patria, alguns dos quaes encontraram a morte nas ruas de Milão, devido á espionagem que a Austria ali tinha conseguido organisar.

É então decretada a creação de um corpo de voluntarios e em Turim, Nice e Genova, Garibaldi é o encarregado de recrutar gente para esse corpo.

A 4 de Abril de 1859 é publicado o decreto real investindo Garibaldi nas funcções de major general, commandante em chefe do corpo de caçadores dos Alpes, onde estava alistada uma grande parte da mocidade de Florença, Parma, Modena e Milão. Chegou a tal ponto o enthusiasmo de servir debaixo das ordens de Garibaldi que foi necessario alargar os quadros dos Caçadores dos Alpes e crear sob a denominação de *Apeninos* um segundo regimento debaixo do commando do general Ulloa, o notavel defensor de Veneza.

Outro decreto de 22 de abril completa o estado maior de Garibaldi.

A municipalidade de Veneza annuncia a chegada dos Caçadores dos Alpes n'uma proclamação cheia de phrases de enthusiasmo pela bravura do homem que os dirige.

A proclamação terminava d'esta fórma:

«Os emblemas da oppressão acham-se derrubados e em seu logar levantado o santo estandarte tricolor, estandarte de ordem, de concordia, de liberdade e de futuro. Abençoados sejam os bravos que nol-o trazem! Recebamol-os com alegria. Sigamos as inspirações do nosso coração e que as nossas palavras de boas vindas sejam: *Viva a Italia!*

Palacio da camara, 23 de maio de 1859 ás 6 horas da tarde.

Carcano, maire; Picinelli, Morand del Bosco e Paeilli adjuntos; Zanzi, secretario.

Uma columna austriaca procura surprehender Garibaldi em Varezo e é completamente derrotada tendo de retirar com consideraveis perdas de gente e de munições de guerra que abandona no campo de batalha.

Garibaldi organisa então ali um governo militar sob a sua direcção, nomeando Carcano commissario provisorio em nome de Victor Manuel.

Em Como offerece outro combate ao feld-marechal Urban e alcança nova victoria obrigando o seu aguerrido regimento a atravessar Borgho-Vico de bayoneta callada, entrando depois em Como triumphantemente.

Os principaes da terra quizeram dar-lhe um palacio para moradia, porém Garibaldi recusou essa distincção e mandou alugar um quarto, como qualquer modesto particular, na hospedaria de Santa Anna.

Ali o foram visitar muitos redactores dos jornaes de Paris e de Londres, bem como amigos politicos italianos e francezes que lhe levaram dadivas importantes; entre ellas citaremos a de Mr. Planat de la Faye, official do imperador Napoleão I que lhe enviou um par de pistolas de prata como penhor da sua profunda estima e sincera admiração.

(Continúa).

Julio Rocha.

A COMEDIA DA VIDA

O ROMANCE D'UM AMANUENSE

XVIII

Entre irmã e irmão seguiu-se uma commovente expansão de jubilo familiar ao reconhecerem-se ambos vivos, e terminada essa expansão Emilinhas mandou retirar a criada e a sós com seu irmão pediu lhe explicação do que se tinha passado, da origem da sua syncope.

O Quim fez-se vermelho como um pimentão, ao ter que entrar n'esse capitulo, para elle um pouco amargo, mas não teve remedio senão entrar.

E entrou e explicou, começando por apontar para o fatal numero do *Jornal do Commercio*.

Sua irmã seguiu com os olhos o seu dedo indicador e leu:

COMMUNICADOS

PENDENCIA D'HONRA. COBARDIA

ADVERSARIO QUE FOGE.

—É isto? perguntou ella admirada, sem comprehender.

—E'

—Mas o que quer dizer?...

—Lê...

E Emilinhas leu.

O communicado era muito longo perto de duas columnas do *Jornal do Commercio*, e por isso não o transcrevemos aqui textualmente.

Além do que esse communicado não se recomendava pelo seu valor litterario: o seu valor annunciativo era incomparavelmente muito maior: —duas columnas a tres vintens a linha!—e por tanto limitar-nos-hemos apenas a extractal-o resumidamente.

Esse communicado era firmado pelo nome de Domingos Pereira e contava o seguinte:

Que tendo um tal Joaquim Barradas, empregado n'uma companhia de seguros e conhecido redicularmente pelas casas particulares, pela abreviatura grotesca de Quim, insultado cobardemente uma respeitabilissima senhora, virtuosa esposa d'um honrado cavalheiro, aproveitando a escuridão motivada por se ter quebrado e apagado o candieiro, de petroleo para dar um beijo ultrajante n'essa exemplarissima mãe de familia, elle, signatario, que se achava ligado a essa familia pelos laços da mais santa amizade, mandára pedir no dia immediato, dentro do praso legalmente marcado entre cavalheiros para se tratar questões d'honra, reparações pelas armas do vil insulto feito áquella nobre e respeitabilissima senhora; que o vil insultador se recusára, fingindo-se desentendido e simulando imbecilidade, a responder cathegoricamente ás duas testemunhas por quem elle, signatario, mandara exigir a alludida reparação:

que tendo elle signatario, em vista d'esse insolito procedimento publicado uma carta na imprensa, carta em que narrava o procedimento ignobil

e cobarde do offensor verberando justamente esse procedimento, fôra procurado n'esse dia pelo sr. major Rodrigues, um cavalheiro que não tinha o praser de conhecer até então, e que da parte do tal Joaquim Barradas lhe communicou que o offensor, tendo reconsiderado, se promptificava a dar a reparação pedida, para o que se punha ás sua sordens, indicando a madrugada do dia immediato para o encontro:

que elle, signatario, em attenção unicamente ao major Rodrigues, que não pelo constituinte d'elle por quem não tinha consideração alguma, se dignára acceitar essa reconsideração tardia e accedera a medir-se com elle n'um encontro á pistola que se devia realizar na madrugada seguinte e cujas condições foram ali estipuladas entre os seus padrinhos e o major Rodrigues e um cavalheiro, por este apresentado, como segunda testemunha do tal Quim Barradas;

que effectivamente no dia seguinte, ás horas combinadas se tinham encontrado todos no sitio da Porcalhota afim de se realisar o encontro;

que não tendo comparecido á hora indicada o seu pseudo adversario, elle signatario e as suas testemunhas, a pedido e em attenção ás testemunhas do tal sr. Quim Barradas, visivelmente e sinceramente contristadas com essa falta de pontualidade, tinham condescendido em esperar que elle viesse;

que tendo esperado pelo seu adversario um quarto d'hora, meia hora, tres quartos d'hora, uma hora, uma hora e quarto, hora e meia, uma hora e tres quartos, e finalmente duas horas, e esperado sempre em vão, que sendo reconhecido unanimemente por todos que essa inexplicavel demora não podia de fórma alguma ser motivada por differença de relogios, e que não podia significar senão uma vergonhosa cobardia da parte do seu adversario, cobardia aggravada pela mais insigne má creação, fôra resolvido por proposta das duas testemunhas do adversario fugido, como se provava na acta abaixo publicada e pelas quatro testemunhas assignada, que a pendencia estava finda sahindo d'ella illesas a dignidade, a honra e o brio do signatario e ficando demonstrada a cobardia, a vilania e a infamia do seu adversario, por todos os titulos indigno da estima e da consideração de qualquer homem de bem.

Em seguida á carta firmada por Domingos Pereira em que se contava largamente o que acabamos de extractar, lia-se a acta final do duello mallogrado, assignada pelas testemunhas do Domingos Pereira e pelas do Quim Barradas, acta que não era nada agradavel para este, pois o major Rodrigues verdadeiramente furioso com o seu constituinte que lhe promettera ir pela manhãsinha cedo e no fim de contas não apparecera obrigando-o a fazer aquelle papel ridiculo, despejára sobre ella todo o amplo vocabulario de insolencias e de vituperios de que dispunha.

Emilinhas leu muito espantada, muito admirada tudo aquillo, e ao mesmo tempo muito envergonhada, tambem e terminada a leitura perguntou a seu irmão.

—E agora?

—Agora o que? perguntou o Quim perfeitamente succumbido ante aquella tareia monumental.

—O que tencionas fazer?

—Eu?

—Sim, tu; então quem havia de ser?

—Eu sei lá! respondeu elle encolhendo os hombros, com a resignação terrivel d'um homem que se sente irremediavelmente perdido.

—Tu agora só tens um caminho a tomar, disse a Emilinhas energica, sentindo lá dentro pullar-lhe heroico e valente o coração.

—Bem sei! respondeu Quim.

—Ah! tornou a irmã radiante, obrigada, Quim!

—Obrigada porquê? perguntou elle muito espantado.

—Por momentos fiz a injustiça de imaginar que não serias homem para essa resolução energica.

—Sou, lá ser, sou.

—Obrigada! Es digno de ser meu mano!

—Eu bem sei que não ha senão um caminho a tomar!

—Então, toma-o.

—Não tomo nada; não posso tomal-o.

—Não podes?

—Não!

—Porque?

—Porque?... Acho graça a essa tua pergunta! disse o Quim fitando sua irmã.

—Mas o que tem a minha pergunta de extraordinario? Estás n'uma situação grave, gravissima.

—Lá isso estou.

—D'essa situação ha apenas uma sahida.

—Bem sei.

—Digo-te que tomes essa sahida: Tu dizes que não a podes tomar e eu pergunto-te porque; parece-me que não ha nada mais natural n'este mundo!

—Pois sim, mas tu bem sabes o estado das minhas finanças! disse Quim desconsolado.

—Das tuas finanças? perguntou admirada a Emilinhas.

—Sim.

—Não percebo!

—Não sabes que eu não tenho dinheiro?

—Mas para que é preciso dinheiro?

—Para que é preciso dinheiro? Essa é boa!

—Para tomares o caminho que tens a seguir o que é preciso não é dinheiro, é coragem!

—Isso são palavras, mana! Vai lá com coragem para as deligencias, para os caminhos de ferro para os paquetes a ver se elles te acceitam essa tal coragem como moeda corrente!

—Para as deligencias?... Para os caminhos de ferro?... perguntou Emilinhas percebendo cada vez menos.

—Ja se vê que sim!

—Mas o que tens tu que ver com as deligencias e com os caminhos de ferro?

—O que tenho que ver! perguntou agora tambem muito admirado o Quim e chegando a sua vez de não perceber nada.

—Sim! para seguires o caminho que tens a seguir, não percebo para que é preciso de deligencias e caminhos de ferro.

—Então queres que eu vá a pé?

—Não estão todos em Lisboa?

—Todos?

—Sim.

—Todos quem?

—Esse tal Dominguinhos que te insulta e os outros que assignam a acta.

Estão, lá isso estão...

—Então?...

—Então, é por isso mesmo, é por elles estarem em Lisboa que eu preciso de dinheiro para sahir d'aqui.

—Para sahir d'aqui?

—Sim.

—Tu pensas em sahir de Lisboa? perguntou Emilinhas admiradissima.

—Já se vê que penso.

—Para que?

—Para que? .. Então qual é unico caminho que eu tenho a seguir para sahir d'esta minha situação?

—Isso pergunto-te eu agora, disse Emilinhas franzindo o sobr'olho e fitando seu irmão.

(Continúa).

Gervasio Lobato

NOVIDADES DA SCIENCIA

Novo modo de apagar incendios.—O *Western Paper Trade* dá um meio de preparar uma solução para extinguir incendios e que fica ao alcance da bolsa mais enfesada.

Eil-o;

Tome 10 kilos de sal commum, 5 kilos de sal ammoniaco e faça-os dissolver em uns 30 kilos d'agua.

Logo que esses saes estiverem bem dissolvidos mettei o liquido em garrafas bem rolhadas que tereis o cuidado de ter sempre á mão em qualquer compartimento da casa.

Em caso de incendio não tendes mais que lançar mão d'uma ou duas d'aquellas garrafas e arremessal-as ao fogo com bastante força para que a garrafa se despedace.

No começo de um incendio é certo apagal-o. Vale a pena experimentar n'uma chaminé ou quintal, etc.

Bilhetes telephonicos.—Uma companhia ingleza de telephones acaba de imaginar uma combinação engenhosa que tem por fim permittir os seus numerosos assignantes poderem alugar os seus apparelhos telephonicos e ás pessoas de poucos teres participarem dos beneficios d'este maravilhoso invento.

A companhia vende ao publico pelo preço de 100 réis, bilhetes os quaes não assignantes podem alugar aos assignantes o direito de se servirem do seu telephone para estabelecer communicação com qualquer outro assignante.

A companhia compra depois aos assignantes, pelo preço de 50 réis, os bilhetes por elles adquiridos, ficando assim o benificio repartido entre ella e os seus subscriptores.

Este consentimento mutuo tem sido muito bem recebido pelo publico e de grande utilidade, principalmente para um certo numero de estabelecimentos de viveres, tabacos, que no fim do anno encontram meios de pagar a sua assignatura sem desembolso algum.

Aviso á nossa companhia electrica.

O ammoniaco como antiseptico!—Ha alguns annos o Dr. B. W. Richardson em uma communicação á Sociedade Medica americana chamou a attenção sobre as propriedades antisepticas do ammoniaco e mostrou que o sangue, o leite e outros liquidos susceptiveis de se alterarem facilmente podem conservar-se durante muito tempo se lhe ajunta uma certa quantidade de dissolução ammoniacal. Da mesma sorte as substancias solidas taes como a carne, conservam-se em vasos hermeticamente fechados, cheios de gaz ammoniaco.

Estes resultados foram postos em duvida pela razão de que o ammoniaco e um producto da decomposição, mas o Dr. Greifswald reforçou essas experiencias por meio de novos estudos e os resultados vieram confirmar absolutamente os do Dr. Richardson.

A *Chronique Industrielle* refere que depois d'alguns ensaios preliminares nos quaes uma materia animal posta n'uma dissolução ammoniacal de 5 p. c. se encontrou intacta no fim de perto de dois annos.

O Dr. Gottbrech achou mais commodo empregar o carbonato d'ammoniaco.

Começaram as suas experiencias em uma porção de intestinos de porcos mortos na propria occasião.

No fim de muito tempo achou-se que o poder antiseptico de carbonato d'ammoniaco depende da concentração da dissolução.

Uma dissolução a 1 p. c. retarda a putrefação em tres dias sómente emquanto que uma dissolução a 10 p. c. a retarda em 16 dias.

Uma dissolução de 5 p. c. junta a gelatina á qual se communicou o começo de podridão por inoculação fez deter a putrefacção. Uma de 2,5 p. c. impede o desenvolvimento das bacterias.

Outras experiencias tem provado que a carne se conserva durante seis mezes em uma atmosphera impregnada de carbonato d'ammoniaco, e fica quasi que sem alteração alguma ao cabo d'esse tempo.

O desvio da vertical.—Na phisica o *desvio dos corpos* significa o desvio que soffre um corpo cahindo livremente para a superficie da terra. Esse desvio é devido ao movimento da terra. A grandeza do desvia se calcula segundo a altura da quéda do corpo e medindo o angulo de relação da terra durante o tempo da quéda.

M. Helmert director do real instituto geodesico da Prussia que foi incumbido pela associação geodesica internacional de estudar este assumpto apresentou ha dias o seu relatorio com os resultados das suas investigações ácerca dos desvios da vertical.

1.º Os desvios locaes, propriamente ditos, encontram-se frequentemente mesmo nos paizes pouco accidentados tanto na Europa como na America.

2.º Mão sómente perto das montanhas e das costas maritimas, mas ainda nas grandes planicies existem grupos de desvios perfeitamente eguaes aos quaes se poderá chamar regionaes.

3.º Um egual grupo de desvios regionaes se acha na Allemanha entre os graus 51º e 53º de latitude.

4.º Ao norte dos Alpes, em Munich, e ao sul das mesmas montanhas, em Genova e em Nice, os desvios são um pouco menores que se devia esperar se attendermos ao prefil d'esses paizes. Essas anomalias indicam as grandes irregularidades subterraneas na distribuição das massas.

5.º Da mesma sorte parece que os desvios encontrados em Pisa e Florença teem logar no sentido contrario a attracção do macisso apparente dos Apeninos.

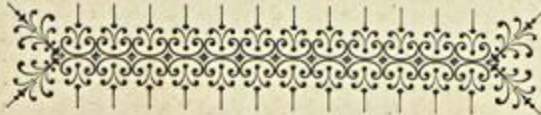
6.º A marcha dos desvios de Munich e Niè parecem indicar que as grandes anomalias subterraneas dos jazigos das massas devem ser buscadas debaixo do continente que está sobe o oceano, mas este problema carece ainda de uma solução definitiva.

7.º Os desvios em longitude descobertos nos paizes relativamente pouco accidentados da Europa occidental e central, assim como os desvios achados nos grandes lagos da America do Norte conduzem ás mesmas consequencias quanto á existencia de grandes anomolias subterraneas na destribuição das massas.

Intensidades telephonicas.—M. Mercadier que tem estudado minuciosamente a intensidade das experiencias telephonicas chegou ás seguintes conclusões:

1.º Os telephones de diaphragmas de ferro são muito mais intensos que os outros e o seu effeito é principalmente devido á inducção magnetica.

2.º Os telephones cujos diaphragmas são feitos com o aluminio ou com o cobre apresentam, como os precedentes, maximas successivas de intensidade e devem os seus effeitos principalmente á inducção electro-dynamica.

Esses effeitos são muito pequenos mas d'uma *qualidade* notavel, porque reproduzem muito melhor que os de diaphragmas de ferro os sons e a palavra articulada.

REVISTA POLITICA

Depois da nossa ultima revista nada de importante occorreu na politica interna que dê preferencia ao que nos fornece a politica externa, que por uma excepção n'este momento, mais nos interessa.

O Brazil d'onde estavamos habituados a receber apenas telegrammas das chegadas e partidas dos paquetes para a Europa, surprehendeu todo este velho mundo com um telegramma que o telegrapho transmittiu no dia 15 do corrente, laconico como quasi todos os telegrammas de sensação.—Foi proclamada a republica no Rio de Janeiro.

A admiração que esta noticia produziu foi extraordinaria de surrpeza, e a muitos se affigurou peta, não lhe dando credito, e pensando antes seria manejo de bolsa, para especulação de fundos.

Os successivos telegrammas, porém, da mesma procedencia, vieram confirmar o primeiro, e mais desenvolvidos do que este, explicaram o caso de que já não se podia duvidar.

Realisara-se no dia 15 um pronunciamento militar tendo á sua frente o general Deodoro da Fonseca, e fôra proclamada a republica sobe o governo provisorio de Benjamin Constant, Bocayuva e Deodoro da Fonseca.

Os ministros do imperio foram intimados a depôr as pastas. Abolido o conselho de Estado e dissolvidas as camaras. Sendo logo dirigida uma mensagem ao imperador notificando-lhe a abolição da monarchia.

Tudo isto se realisou em poucas horas, sem resistencias importantes, no meio do espanto da maior parte da população do Rio de Janeiro, que parece ignorava a conspiração, dando o telegrapho apenas a noticia de correr perigo a vida do ministro da marinha, barão de Ladario, por ferimentos recebidos da tropa.

Outro telegramma deu a formação do ministerio provisorio assim composto:

Ministro do interior, Aristides Lobo.
Estrangeiros, Bocayuva,
Fazenda, Ruy Barbosa.
Justiça, Campos Salles.
Guerra, Benjamin Constant.
Marinha, contra-almirante Vandelkolk.

Outros telegrammas participam a adhesão das provincias do Brazil á republica, que tudo se conservava em boa ordem e que passada a primeira impressão os negocios continuavam inalteraveis, confiando todos nas declarações do governo provisorio, que tomava as responsabilidades dos contractos, dividas e mais encargos do governo imperial.

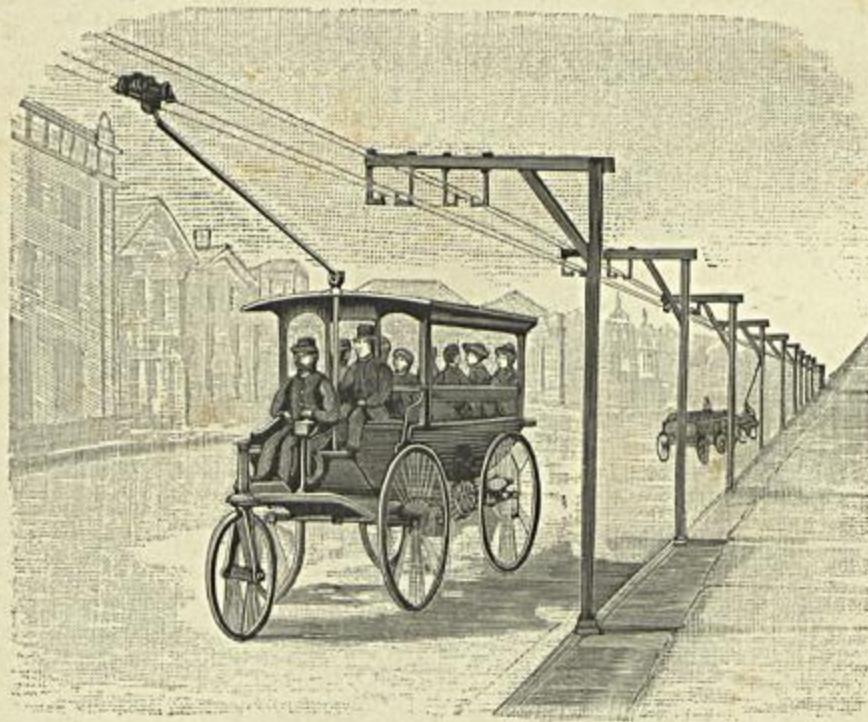
O imperador com toda a sua familia embarcou no dia 17, no vapor *Alagôas* com destino á Europa, sendo comboiado este vapor pelo couraçado *Riachuello*.

A julgar por estes telegrammas a republica proclamou-se em maré de rosas, sem resistencias nem protestos, o que não póde deixar de abonar a habilidade dos conspiradores.

E' certo que a republica de ha muito que pairava no céu do Brazil e era saudada com prazer pelos brazileiros, mas tudo fazia crêr que o seu advento só chegaria pela morte do imperador, a quem os brazileiros decerto quereriam poupar o desgosto de o desthronar.

O que, portanto, mais surprehendeu a Europa, não foi a republica, foi o inesperado da sua proclamação, tanto mais depois das manifestações de respeito e de sympathia tributadas pelo povo brazileiro e por todas as nações ao velho imperador, por occasião do attentado frustrado contra a sua vida occorrido ha pouco.

Vê-se, pois, que alguma outra causa determinou esta subita transformação e essa causa, diz-se ser o descontentamento do exercito, o que se justifica até certo ponto com a revolta militar.

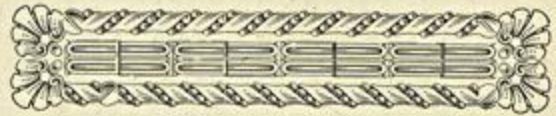
A nós, porém, parece-nos que mais alguma coisa influiria, sem ser unicamente o militarismo, e que os esclavigistas não são alheios ao pronunciamento, querendo assim vingar-se de um governo que lhe não respeitou os direitos que as leis lhe garantiam, e que confiara demasiadamente nos sentimentos humanitarios de quem n'um dado momento perdia toda ou a melhor parte da sua riqueza.

CARRO ELECTRICO DE HARWEY

Não nos cumpre a nós entrarmos na apreciação das causas que determinaram a mudança de fórma governativa por que o Brgzil acaba de passar, encontrando erros politicos no seu paiz. Nós apenas desejamos vêr no novo governo do Brazil a vontade do povo brazileiro, e que se a republica é o governo que lhe convem, que ella possa dar ao Brazil toda a felicidade que ambiciona para a sua grandeza e progresso.

Portugal, paiz livre, respeita tanto o Brazil monarchico como o Brazil republicano, logo que qualquer dos governos sejam legalmente constituidos e nos retribua com egual respeito; e nada mais agradavel nos póde ser que essa evolução pacifica que o Brazil acaba de operar, mostrando assim a Portugal e á Europa que a monarchia que os portuguezes lhe plantaram no seu solo riquissimo, não foi arvore de má sombra que o esterilisasse, mas antes com ella se fortaleceu para as conquistas do futuro, medrando sob o paternal governo de D. Pedro II, que para mais o engrandecer aos olhos da humanidade, baniu dos seus codigos a opprobiosa lei da escravatura, mancha hedionda que maculava a estrella do cruzeiro do sul.

E como dissémos, no principio, nada de importante occorreu por cá, a não ser a confirmação no *Diario do Governo* das nomeações dos novos ministros da fazenda e da guerra de que os leitores já tem conhecimento.

A imprensa politica não se tem occupado de outros assumptos que não sejam os que os telegrammas do Brazil offerecem á sua critica, e este interesse explica-se pelos muitos interesses que nos ligam áquelle paiz, onde uma parte da mocidade portugueza vae empregar a sua actividade e fazer a sua segunda patria.

João Verdades

RESENHA NOTICIOSA

El-Rei D. Luiz.—Tanto em Portugal como no estrangeiro, tem sido altamente significativas as demonstrações de sentimento pela morte do monarcha portuguez. Em todas as côrtes estrangeiras se tomou lucto por El-Rei D. Luiz, e em Paris, Londres, Vienna, Roma, na capella Sextina, etc. tem-se celebrado solemnes exequias. Em Portugal e seus dominios, continuam por toda a parte as missas e officios por alma d'El-Rei, mandados celebrar por corporações publicas e particulares e por muitos outros cavalheiros isoladamente.

Todas estas manifestações são a mais justa confirmação de quanto era querido o malogrado rei que se finou.

Grupo do Leão.—Os artistas que promoveram as brilhantes exposições annuaes de pintura e d'esculptura, que o nosso publico se costumou a visitar desde o meiado de dezembro até ao fim de janeiro, resolveram d'esta vez transferir a exhibição dos seus trabalhos para o mez de março.

Diversas razões aconselham esta mudança, que deve repetir-se de futuro, mas para a justificar basta um exemplo:

Em fins de verão, geralmente, é que os pintores paizagistas, que constituem a boa maioria do *grupo*, trazem do campo os seus estudos; tendo a exposição logar em dezembro, pouco tempo lhes fica para completarem os estudos feitos do natural mais ou menos rapidamente, ou, sobretudo, para os converterem em quadros, de maior dimensão e porventura de maior responsabilidade; mas, logo que a exposição passe para março, cessa esse inconveniente.

Além disso, os dias são mais largos á chegada da primavera, e a luz tem outras claridades radiosas, que — chamando as senhoras a passeio — podem tornar-se de duplicada vantagem para as obras d'arte...

Os prejuizos causados pelo tempo, quasi constantemente chuvoso, ás exposições dos ultimos annos, concorrem tambem para que o *Grupo do Leão* se decidisse a fazer a alteração que apontamos.

Adolpho, Modesto & C.ª—IMPRESSORES